



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

MARÇO 2009 - N° 223

A CONFORMAÇÃO COM CRISTO CRUCIFICADO

Pe. Nello Dalle Vedove

13 – O CRUCIFIXO: FUNDAMENTO DO INSTITUTO

Pe. Gaspar se preparou interiormente para a fundação do Instituto buscando a conformidade com Cristo no espírito de renúncia. Em seu MEMORIAL PRIVADO e no panegírico de São Francisco deixou propositalmente provas inequívocas disso. Posteriormente prosseguiu neste caminho.

“08 de maio de 1809. Nossa mortificação deve ser universal.”

“23 de julho. Para começar bem o empreendimento é preciso ter adquirido grande e heróica virtude.”

“Uma virtude é primordial: a pobreza; depois todas as outras virtudes. Não se pode negligenciar os mínimos detalhes, nem se pode demorar em acolher as inspirações divinas.”

“É preciso preparar-se para uma grande guerra com o inferno: 1- É necessária a humildade para atrair os auxílios do céu: revesti-vos da armadura de Deus, para poderdes resistir; 2 - É fundamental o desapego de tudo para que o demônio não encontre em nós algo em que possa se agarrar; 3 - (Deixou em branco, mas pode ser completado com o que já foi dito no panegírico de São Francisco sobre o desapego de si).”

“29 de julho. Deus não despreza ninguém que queira combater sob o estandarte de seu Filho e que se valha dos meios por Ele propostos: a oração e a mortificação.”

Muito importante é a inspiração interior que Pe. Gaspar registrou em maio de 1811, completando-a com uma frase inaciana, que lhe era familiar: “18 de maio de 1811. Parta para um caminho espiritual mais estreito e de penitência. Eu me esquecerei dos teus pecados e te mostrarei o quanto te será preciso sofrer por causa do meu nome. Pouquíssimos são aqueles que compreendem quanto Deus neles realizaria, se Ele não encontrasse obstáculos a seus desígnios”.

Em maio de 1812, aconteceu o fenômeno mais significativo de sua vida mística: o êxtase diante do Crucifixo. “30 de maio de 1812. Rezando antes da Missa e sentindo um pouco de sono, ouvi uma voz que saía do Crucifixo dizendo-me ao coração: ‘contempla este meu coração.’ Este pensamento iluminou subitamente minha inteligência e proporcionou-me um grande e imprevisível ardor no coração. Voltando-me com os olhos e em espírito para contemplar o amável ponto indicado, senti correr pelo corpo todo um grande arrepio; a boca e os olhos se me fecharam, enquanto a alma me parecia plenamente absorta e cheia de alegria. Parecia que a alma estava para separar-se do corpo, mas ao mesmo tempo feliz. De repente recuperei o uso

dos sentidos como antes. O efeito disto tudo foi a presença de uma terna devoção ao Sagrado Coração e de uma compunção amorosa durante a Missa. A alma expandiu-se em doces lágrimas durante a santa comunhão. Depois, grande recolhimento e suavidade que duraram o dia todo, além da prática esmerada das três virtudes teológicas.”

Há evidências que explicam como Pe. Gaspar não tenha podido jamais separar-se do Crucifixo. O êxtase de rara felicidade provado no dia 30 de maio de 1812 assinalou o vértice da vida mística para ele e a chave de leitura de toda sua vida iluminada pela Cruz. A poucos meses do arroubo de maio veio a primeira enfermidade, que deu início a quarenta anos de sofrimentos atroz. A doença o tornou imagem viva do Senhor crucificado.

Quando superou a primeira experiência dolorosa da enfermidade aos 14 de dezembro de 1812, escreveu a Naudet: “Eu lhe mostrarei tudo o que terá de padecer por meu nome (At 9,16). Coragem! Coragem! Esta é a melhor porção que Deus reserva aos seus queridos, e não é privilégio de todos”.

Não prescinde, porém, do mistério de Cristo em sua totalidade. Ao sugerir em 1813 a Naudet que se examinasse sobre a oração e sobre os desejos da divina glória, quer que ela se pergunte “se a oração e os santos desejos seguem a oração e os santíssimos desejos do Coração de Cristo, mortal e passível neste mundo, glorioso e imortal no céu.”

Sua postura habitual é ao pé da Cruz, para nela refletir sobre a gratidão do infinito amor de Cristo. São verdadeiramente tocantes as expressões que usa, na quinta-feira santa de 1813, em um bilhete a Naudet: “Assim ele dispõe suavemente todas as coisas para o devido fim: Tudo serve a Ti (Sl 118, 91). Nem causa admiração o que realiza por nós ao celebrarmos nestes dias seu amor que aceita o patíbulo da cruz. Seja louvada e reconhecida devidamente tão grande caridade! E Vossa Senhoria peça que por mim não seja ofendido, mas louvado, amado e servido, como lhe sou obrigado por tantos favores.”

14 – AS CINCO CHAGAS DO CRUCIFICADO

Aos 17 de agosto de 1816 Pe. Gaspar escreve a Naudet: “Pe Galvani é todo de Santo Inácio. Ofereceu-me os Estigmas como lugar oportuno para colocar uma Congregação de Padres que vivam sob as regras de Santo Inácio.”

É necessário observar que o inaciano Pe. Bertoni, aos 04 de novembro de 1816, passou da igreja franciscana de São Firmo Maior à igreja franciscana dos Estigmas. Nela, para os estigmas de São Francisco dedicou um altar lateral. A dupla festa de São Francisco (17 de setembro e 04 de outubro), que empenhava a comunidade de Pe. Gaspar na preparação de panegíricos, exerceu significativa influência no esboço de uma espiritualidade que se centralizou na Cruz.

Deve-se observar ainda que nos Estigmas existiam o altar do grande Crucifixo e o altar de Nossa Senhora das Dores. E na capela da Conceição estava instalada a Via Sacra. Com a restauração e reabertura da igreja dos Estigmas, que aconteceu na festa de São Francisco (04 de outubro) de 1822, iniciou-se, por desejo do bispo e sugestão do vigário geral, a função semanal em honra da Paixão e das Cinco Chagas de Jesus.

Pe. Gaspar, em petição a Gregório XVI, faz a descrição deste pio exercício: “Na igreja dos Sagrados Estigmas de São Francisco em Verona, cada sexta-feira do ano, por exortação e incentivo do Ordinário, faz-se à tarde, desde 1822, um Pio Exercício que é assim organizado: em primeiro lugar, cantam-se devotamente os graus da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo; depois, durante meia hora, faz-se uma meditação sobre o cultivo de todas as virtudes cristãs,

sobretudo, da veneração e da devoção a nosso Senhor Crucificado; logo em seguida no altar do Crucifixo faz-se a adoração das Cinco Chagas, que consiste em algumas orações apropriadas.”

O que fossem as Cinco Chagas adoradas aparece claro nas orações que Pe. Bertoni publicou em 1824 e que eram recitadas semanalmente no altar do Crucifixo: Chagas sangrentas, dolorosas, humilhantes.

É sabido como Pe. Gaspar manifestou seu amor à Paixão pregando ele mesmo, enquanto pôde, na sexta-feira. Fazia-se transportar-se, carregado, ao altar, quando estava imobilizado por suas enfermidades. Menos conhecidas são as inúmeras homilias da sexta-feira feitas pelos padres Fedelini e Lenotti. Elas constituem um rico material para estudo, que até agora só foi feito por Pe. Giuseppe Stofella.

(continua)